

FOLHA DE VILLA VERDE

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
PAGAS ADIANTADAS Anno 12500 réis. Semestre 800 réis. Folha avulso 40 réis.

Toda a correspondência deve ser dirigida á redacção da «Folha de Villa Verde» — VILLA VERDE.

Administrador e editor responsável,

BERNARDO ANTONIO DE SA PEREIRA

ANNUNCIOS
Judiciaes cada linha 40 réis, outros annuncios 40 réis, com munitados e reclames 60 réis.

Annuncios por anno são por preços convencionaes. A cada annuncio accresce 10 réis de sello por publicação.



VILLA VERDE-1905

Reunião do Clero

Reuniu na segunda-feira, 25, na residencia parochial da freguezia de Esqueiros o Clero d'este concelho, a convite do muito reverendo Arcipreste, a fim de eleger a commissão que, no dia 25 d'outubro proximo deve representar o Clero de Villa Verde na reunião magna que se deve effectuar na sala da Relação Ecclesiastica em Braga.

A alludida commissão ficou composta do muito reverendo Arcipreste, presidente, e dos vogaes os srs. rev.ªs abbades da Lage e Doçãos.

A reunião foi muito concorrida. Compareceu o Clero na sua grande maioria, e os poucos que faltaram justificaram a falta, mandando cartas de adhesão incondicional ás decisões do congresso que vae reunir em Braga.

Os poucos jornaes affectados de estrabismo jacobino, pretendem ver na representação do Clero uma aspiração jesuitica, uma exhibição de forças para radicar a preponderancia do clericalismo. Na verdade, só um demasiado estrabismo pôde servir de estorvo aos jacobinos, que, aliás, julgam legitima a resistencia de qualquer outra classe, para negarem ao Clero do paiz o direito de pu-

gnar pelos seus direitos, pela melhoria de situação.

O Clero não se impõe: pede. E o direito da petição aos poderes publicos — tanto do cidadão em particular, como do qualquer classe social — não deixou, nem deixará de ser jámais, um direito absoluto.

De mais nenhuma outra classe da sociedade portugueza tem mais legitimo direito de ser attendida nas suas reclamações aos poderes do Estado, por que nenhuma outra presta ao Estado e á sociedade tão relevantes serviços. E tambem a nenhuma outra collectividade se tem respondido com tanto desprezo.

Ninguém que tenha olhos de vêr desconhece que, á parte alguns parochos que tem o necessario para viver, e muito poucos mais que o necessario, ninguém, dizemos, desconhece que o clero parochial não tem rendimentos necessarios para viver, e muito menos para manter a decencia do estado.

Um grande numero de parochias do paiz não tem rendimentos de 200\$000 réis, mesmo na hypothese da cobrança integral de todos os rendimentos. Ora esta circumstancia, que é um facto incontestavel, dispensa qualquer commentario.

Ninguém ignora a irregularidade da cobrança das congruas; e tambem ninguém ignora que as auctoridades a quem compete negam ora tacita, ora expressamente o seu auxilio para que essa

cobrança se effectue regularmente.

Mas ha outro facto ainda mais aggravante: é que o Clero vem, de longa data, fazendo incessantes reclamações ao Estado pela bocca dos seus mais legitimos representantes no parlamento; e o resultado?

Muito boas promessas e, até hoje mais nada.

Ora se o Estado é tão cioso das suas regalias — que tanto deseja ampliar — por que razão não hade attende as justas reclamações dos seus mais prestimosos auxiliares?

Parece-nos, pois, justo, e não só justo, mas até prudente, que o governo prestasse muita attenção a este movimento ordeiro do Clero do paiz. Nenhum governo — este ou outro que occupe as culminancias do poder — deve desconhecer, reflectindo um pouco, que o clero parochial representa uma grande força politica no paiz, se é que não representa a mais importante; e isso basta para o mover a dispensar a essa benemerita classe todo o auxilio, a ter para com ella toda a deferencia. Desprezal-a é cegueira voluntaria, é procedimento deshumano.

A.

Assim como o dextro alfaiate, antes que corte o panno, e ouse metter-lhe a thesoura, o mede aos palmos e assigna com giz; assim primeiro que tomemos o amigo o havemos de provar por diversas maneiras e experimentar.

Fr. Luiz de Souza.

Crime ou falsa denuncia?

Os jornaes de Braga, para não tolherem a acção policial, a que se procedeu, só na quinta-feira ultima, relataram uma denuncia de crime ou supposto crime de moeda falsa, feita no commissariado d'aquella cidade, no dia 22 do p. p. e em que figuram tres personagens d'este concelho.

Para conhecimento dos nossos leitores, transcrevemos do nosso collega «O Commercio do Minho» como se fez a denuncia e as declarações que prestaram, que são como seguem:

Manoel José de Souza, o *Guerra*, casado, de 40 annos, lavrador-proprietario, morador no logar da Portella de Vade, freguezia d'Athaes, d'este concelho, appareceu no dia 22 de setembro, no commissariado de policia, em Braga, a denunciar seu sogro José Antonio Fernandes, o «Vinha Nova», viuvo, de 69 annos, lavrador-proprietario, da mesma freguezia, como fabricante de moeda falsa.

Apresentou-se, porém, no commissariado com o nome de Manoel Vivas, casado, lavrador, morador no logar do Pinheiro, d'aquella freguezia, dando as informações necessarias á policia para a descoberta do crime, indicando a casa e logar onde era feito o fabrico e onde se encontravam os objectos destinados á cunhagem da moeda.

Para melhor proceder a investigações foram capturados e condu-

FOLHETIM

CYPRIANO JARDIM

A HARPA

Maria tinha oito annos quando o pae morreu, e foi deade então que começou a andar n'aquella vida com a mãe.

Nos ultimos tempos da doença vendia-se tudo o que havia em casa, e o enterro do pae já fora feito á custa da Misericordia.

Quizeram então os visinhos aconselhar a mãe a que vendesse a harpa, já que o dono d'ella nunca mais appareceria; mas a mãe não quiz, não o devia fazer; a harpa pertencia áquelle bom homem que, em tempos, ha quatro annos, alugara ao pae aquelle quartito da escada, e talvez, e talvez que ainda voltasse a reclamar o instrumento. Portanto, a harpa não era d'ella e, vendel-a, era o mesmo que roubal-a.

E as duas, mãe e filha, ficaram-se para alli, n'aquella casa deserta, abandonadas de toda a esperanza de arrimo, sem saber o que haviam de fazer á sua

vida, sem uma ideia que lhes ensinasse a ganhar o pão de cada dia.

A mãe lembrou-se de fazer qualquer coisa... ir servir... mas tinha de deixar a filha... as familias não lhe consentiriam que levasse a pequena consigo; não queriam em casa bocças inúteis, contrapesos...

E a pequena, a unica, a ultima consolação da mãe, era tambem a causa da sua miseria...

Uma tarde, quasi noite, já não havia que comer em casa.

A mãe de Maria estava para um canto a chorar silenciosamente, emquanto a pequena, no poial da janella, olhava muito triste para a lua, que brilhava para todos, para os ricos e para ellas, allumiando com a sua luz reflectida as casas em que havia lojas que fulguravam de coisas ricas, assim como allumiava a janella d'aquella casa pobre onde se chorava de fome e de abandono.

Chegou o homem do gaz e acendend o candieiro em frente. Os raios da luz, entrando horizontaes pela janella, foram bater nos doirados da harpa que estava ao fundo da casa, erguida, no meio d'aquella miseria, com uma tentação, com um convite diabolico, a necessidade que

não tem lei, ao instincto feroz da conservação, que faz commetter todos os crimes...

A mãe de Maria ergueu-se, correu á harpa, estendeu os braços e apertou-as n'um phrenesi; as cordas feridas foram vibrando todas, e deram escalas plangentes.

— Não! não! não pôde ser! — soluçou a infeliz — não pôde ser! e de repente: mã!... mã!... isso pôde, pôde ser!

E anciosa, cheia de febre, começou a percorrer as cordas, a feril-as á ventura, sem sentido, como que querendo que o instrumento fallasse, a animasse, lhe desse um conselho bom, uma ideia que a salvasse de si mesma... d'aquella tentação infeliz. A desgraçada estava louca, allucinada.

De repente, um rapazito que passava, assobiou, na rua, uma aria vulgar da ultima opera comica.

A mulher ficou suspensa e disse baixinho á filha:

— Ouve, Maria, ouve bem!

O garoto passou e a aria perdeu-se na distancia.

— Ouviste? ouviste bem? pois vamos aprender aquillo.

E, voltando-se para a harpa, começou com todo o cuidado, a ferir as cordas, repisando nas que lhe iam dando as notas seguidas da aria da rua...

Queria aprender, de ouvido, duas ou tres musicas—seria o pão.

Não se devia vender a harpa, não; mas podia-se ganhar, com ella, o sustento das duas.

Estavam salvas.

Ao cabo de oito dias a mãe de Maria tocava duas musicas diferentes, e uma d'ellas bonita: era a dos sinos.

Chamou a filha e explicou-lhe como ella devia acompanhar, com o canto, uma das arias, que se prestava: e repetiram muitas vezes estas quadras:

Quando eu fui moça e menina
Não me chorasse ninguém,
Dormia tão doce e cansada,
Nos braços da minha mãe!

Nunca soube o que é tristeza
Senão depois de creacer;
Filha que fica sem mãe
Não devia de nascer...

Que eu não sei de maior dôr,
Nem que haja mais triste sina
Do que a mãe deixar a filha
Que ainda é moça e menina.

(Continúa).

zidos para o commissariado o denunciante, o supposto fabricante e a amazia d'este ultimo, de nome Josepha Rosa Fernandes, a «Ronca», viuva, de 44 annos, tecedeira, moradora em Rendufe, concelho de Amares, em casa de quem o denunciante affirmou praticar-se o crime.

As declarações prestadas pelos tres no commissariado de policia, são, resumidamente as seguintes :

Manoel José de Souza, o «Guerra» casado, de 40 annos, lavrador-proprietario, do lugar da Portella do Vade, freguezia de Athães, concelho de Villa Verde, — declara que, na sexta-feira passada, fizera a denuncia com o nome falso de Manoel Vivas, casado, lavrador, morador no lugar do Pinheiro, d'aquella freguezia, por mandado d'um individuo tambem residente em Athães.

Declarou que seu sogro José Antonio Fernandes, o «Vinha Nova», viuvo, de 69 annos de idade, lavrador-proprietario, d'aquella freguezia, fabricava dinheiro falso, trabalho feito em casa da amazia d'este Josepha Rosa Fernandes, a «Ronca», viuva, moradora proximo do convento sito em Rendufe, concelho de Amares, apresentando um desenho do local e casa onde deviam ser encontradas as fôrmas destinadas áquelle fabrico; que anda desde ha muito de relações cortadas com seu sogro, por causa de demandas e, ultimamente, d'um inventario que corria na comarca de Villa Verde.

Cahiú n'uma contradicção affirmando que ao mandante nenhuma responsabilidade cabe, pois ignora o que se passa, e apenas é possuidor d'uns campos que foram arrematados e que em tempo pertenceram ao referido seu sogro.

Declarou que fez a denuncia de motu proprio e tanto que, ha quinze dias, fallando com um individuo de Soutello, concelho de Villa Verde, este se havia encarregado de fazer a denuncia a um empregado do sello; mas como elle denunciante visse passar-se tempo e não haver resultado algum da denuncia, veio ao commissariado denunciar o sogro, apresentando a topographia do lugar onde era praticado o crime.

Afirmou que ha cerca d'um mez, dia de feira em Villa Verde, passára em Rendufe e se aproximara da casa da «Ronca», vendo que estava fechada, pois tinha em vista verificar se seu sogro havia retirado de Athães para aquella casa alguns objectos que possuia; que se dirigiu para uma côrte que fica n'uma das dependencias da casa e abriu a porta, encontrando dous pipoas e uma banheira usada; examinando um buraco achou n'elle uns objectos de pequeno volume, ignorando o que fosse e retirando-se; porém, fallando com alguém, quando vinha de Prado com telha, lhe dissera que seu sogro e a amazia d'este se achavam presos na cadeia de Amares por aquelle crime.

Interrogado acerca das relações com seu cunhado Antonio José de Araujo e da fuga d'este, respondeu que não são boas nem más as relações e que suppõe que o Araujo fosse cúmplice no fabrico, pois já tem sido preso e condemnado por semelhante crime.

Nunca viu seu sogro fabricar; apenas sua mulher Maria da Conceição Fernandes lhe revelou que, quando solteira, seu pae fabricára moeda falsa, chegando a ser preso em Villa Verde, sendo preciso vir a casa esconder as fôrmas.

Declarou finalmente que procedeu assim para se vingar do sogro e que o desenho da casa da «Ronca» o fizera n'um retalho de papel ordinario, que lhe fôra fornecido no estabelecimento de José Dias, em Palmeira, por um caixeiro cujo nome ignora.

Josepha Rosa Fernandes, viuva, de 44 annos d'idade, tecedeira, natural da freguezia de Carrizado, concelho d'Amaraes e residente na de Rendufe.

Declarou que a casa em que habita é sua e foi comprada por seu fallecido

marido Francisco José de Macedo, e que se compõe d'uma sala, quarto, cozinha e uma côrte para animaes ou lenha; que mantem relações illicitas com o «Vinha Nova» ha já cinco annos, mas que não vivem juntos; que não viu que elle lovasse para sua casa objecto algum que servisse para fabrico de moeda falsa, ficando supprehendida quando na manhã de 23 do corrente viu em sua casa o administrador de Amares e o regedor de Rendufe; que de nada suspeitando facilitou tudo para a busca; que na côrte tinha dous pipoas e uma banheira usada, não podendo dizer, se lá appareceram escondidas fôrmas para fabrico de moeda, mas que se realmente appareceram não foi ella nem o «Vinha Nova» quem lá as foi esconder; suppõe que foram lá postas por vingança.

Declarou tambem que nunca viu nem lhe constou que o seu amante fabricasse moeda falsa.

José Antonio Fernandes, viuvo, de 69 annos, lavrador-proprietario, da freguezia de Athães, concelho de Villa Verde — declarou que vive em companhia de dois filhos e que nunca fabricou moeda falsa, sendo a accusação uma infamia levantada pelos seus genros Manoel José de Souza e Antonio José de Araujo, que protestaram vingar-se d'elle para o desgraçarem; que o Araujo é já conhecido como fabricante e passador de moeda falsa, pelo que já respondeu tres vezes no tribunal de Villa Verde.

Declarou ainda que suppõe que os objectos achados: fôrmas, colhér, moedas de 100, 200 e 500 réis, laminas de zinco e cunhos, foram escondidos por ambos os seus genros ou só pelo Araujo, pois que não só a sua idade já avança, mas tambem a falta de vista o impediam de fazer tal fabrico.

Disse que no dia 19 foi para casa da «Ronca», permanecendo lá até ao dia 23 do corrente, na manhã do qual foi supprehendido pela auctoridade administrativa de Amares.

As averiguações continuam, sendo os presos remettidos na quinta-feira ultima para a comarca de Amares.

O Antonio José d'Araujo, a que alludimos, tem o retrato na galeria de policia, visto ser um reconhecido fabricante e passador de moeda falsa.

Mais tarde verificar-se-ha se realmente ha crime ou se foi apenas uma vingança exercida por os genros.

Partida

Embarca no proximo dia 23 do corrente, no paquete «Danube», em direcção ao Rio de Janeiro, onde vae tratar de negocios de seu fallecido irmão, o nosso bom amigo, sr. João Antonio Lopes de Castro Torres, abastado capitalista, da casa de Geije, em Barbudo.

Acompanha-o sua ex.^{ma} esposa e tilhas.

Desejamos-lhes feliz viagem.

Prisão d'um cabo de policia

—Quem o prendeu?!...

—Foi o sr. José Soares, substituto do regedor parochial d'esta freguezia e sede do concelho.

—Quem ordenou?!...

—Foi o mesmo sr. José Soares, que para esse effeito conserva em seu poder... o poder da auctoridade.

—Essa prisão foi legal?!...!

—Segundo o codigo da sr. José Soares, e §§ adicionados por elle, todas as prisões são licitas, porquanto as effectua á sua vontade e capricho.

Assim se commentava na quarta-

feira ultima, pela prisão que o sr. José Soares, ordenou, na pessoa d'um seu cabo de policia.

—Teria razão?... diziam uns; exorbitaria?... diziam outros.

—Nem lá, nem l'outro, antes pelo contrario, affirmavam os mais ingenuos.

O que leva o sr. José Soares, a estas façanhas de valentia e heroidade, é a honra do seu nome, a virtude das suas qualidades, o rigor das suas attribuições, o brilho da sua figura fulgurante, o attestado do seu denodado comportamento, a linha da sua conducta e nobreza, a imposição do seu caracter, o dominio da sua auctoridade, o zelo pelos interesses do bem commum, a solidiedade do partido em que milita no seu posto graduado.

Assim é, somos os primeiros a confessal-o, por que a escolha d'este regedor é significativa pelas antecedentes qualidades que o exornam, e nem todos possuem estes requisitos para estarem ao abrigo de substituir um regedor.

Qua diriamos nós, d'um outro qualquer individuo que representasse esse cargo sem o brilho daquellas virtudes e dignidade? :

Que era um malandro, um scroc, um ingrato, um homem sem religião, um egoista feroz, sem coraçoão nem consideração para ninguém; finalmente, um parco da India, um cão leproso, um chinez.

Felizmente não cabem estes adjectivos ao sr. José Soares, que sempre soube, sabe e saberá colher os sympathicos louros do cargo que occupa, pela rijeza da sua energia e rectidão.

Bein haja sr. José Soares! Continue, que grangeará no futuro as medalhas e condecorações que muito bem merece, poles seus nunca esquecidos serviços.

Receba, pois, desde já, os nossos sinceros parabens.

Colheitas

Estão em completa actividade as colheitas n'este concelho.

A cada momento se veem carros carregados com pesadas dornas de uvas e grupos de camponeses que, contentes recolhem das vindimas.

A produção do vinho é calculado em mais de dois terços da do anno passado, e de qualidade equal, senão superior.

A produção do milho é este anno abundante, como já ha muito não acontece.

Providencias

Pedimos á auctoridade a quem compete que deite os olhos para as Obras de Misericordia.

E' realmente pouco edificante que uma doida que por ali anda vagueando á mercê das tempestades, sem roupa que lhe cubra o corpo, exposta ao publico, em prejuizo da moralidade e em risco de perder a vida,—o que não tardará—se torne tão obscuro e assim continue.

Lembramos ao sr. José Soares, dignissimo regedor substituto d'esta parochia, as providencias do seu costumado bem-fazer. Veja com os seus olhos caridosos, como costuma para seu estremoso pae, essa miseravel.

Preço dos cereaes

No mercado que se realisou hontem n'esta villa, venderam-se os generos pelos preços seguintes :

Milho branco	16,882	420
Dito amarello		400
Centeio		480
Milho alvo		600
Feijão branco		850
Dito amarello		760
Batatas		440
Azeite almude		45200
Ovos, 6 por		80

NECROLOGIA

A' sentida morte de José Antonio Lopes de Castro Torres

A morte enquiando a materia
Será da vida emfim termo final?
Eu creio a alma substancia eteria
E que o espirito não morre; é immortal.

Tu não morreste, não: porque teu nome
Eternamente fica legendario
A fama d'elle, o tempo não consome
Do quanto foste bom e humanitario.

Se não deixas estatua do granito
Que as grandezas da vida commemoram,
Se não tiveres teu nome em bronze escripto,
Tel-o-has nos coraçoões que por ti choram.

Tu que n'este mundo praticaste
Da caridade a missão com tanto ardor
Pela esposa e filhos que deixaste
Implora lá no céu ao Creador.

Arnaldo Mularinho.

(Do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, de 29 d'Agosto.

LIVROS & JORNAES

Almanach Illustrado do «Seculo» para 1906

Recebemos e agradecemos este almanach superiormente redigido. Inere todas as materias proprias do mais completo almanach e um grande numero de artigos curiosos e interessantes.

O Almanach Illustrado do Seculo, e nitidamente impresso e illustrado com magnificas gravuras intercaladas no texto.

O Almanach Illustrado do Seculo, é posto a venda em todas as livrarias e kiosques de Lisboa e Porto e nas agencias do «SEculo», em todas as cidades e villas do paiz, pelo diminutissimo preço de 120 réis brochado e 200 réis com uma linda capa a côres, cartonada.

São promptamente satisfeitos todos os pedidos acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Bibliotheca do «SEculo».—LISBOA.

Para as oriaças

Accha de publicar-se o n.º 38 d'esta encantadora bibliotheca, sem duvida o enlevo das crianças e até... dos adultos.

Inere este fasciculo os seguintes contos: O Real bem ganho — Quem muito falla pouco acerta — O Juramento — Os Teimosos advinhas, charadas, etc.

Conta esta publicação, proficientemente dirigida pela sr.^a D. Anna de Castro Osorio, 4 annos de existencia, o que prova que tem merecido o apoio das crianças do nosso paiz onde sem duvida encontram um grande incentivo para criar gosto em aprender a lêr, além de diversas outras.

O preço da assignatura annual é apenas de 680 réis.

Os pedidos devem ser feitos á administração, que passou a cargo dos conhecidos editores de Lisboa, srs. Guimarães, Libanio & C.^o, omil ivraria na rua de S. Roque, n. 108.

Novos livros de Trindade Coelho

Estão impressos e devem apparecer brevemente nas livrarias seis novos livros de Trindade Coelho, sendo dois de direito, um para o povo e tres para as creanças: — *Anotações ao Código Penal* e a legislação penal em vigor, um volume de mais de 500 paginas em 8.º grande; *Incidentes em Processo Civil*, 300 paginas; *Pão Nosso* ou leituras elementares e encyclopedicas de mais de 500 paginas; e tres livros de leitura para a escola primaria: *O Primeiro Livro de Leitura*, 150 paginas, destinado ás creanças da 1.ª classe; *O Segundo Livro de Leitura*, 200 paginas, para a 2.ª e 3.ª classe; e *O Terceiro Livro de Leitura*, 360 paginas, destinado á 4.ª classe.

O primeiro d'aquelles volumes é editado pela Empresa Editora da Historia de Portugal, rua Augusta, 96; e os restantes pela casa Aillaud & C.ª, de Paris, com filial em Lisboa, rua do Ouro, 242.

Os tres livros de leitura para a escola primaria são apresentados ao concurso official, cujo prazo termina no dia 30 do corrente, e são intensamente portuguezes, admiravelmente editados e illustrados, constituindo, além de uma vasta e methodica *lição de coisas* tendente a ministrar á creança noções praticas, de applicação immediata aos usos e necessidades da vida, um interessante tratado de educação moral, sob a fórma, tão simples como eugenhosa, de pequeninos contos.

Ao contrario do que tem succedido até

hoje, os tres livros de leitura de Trindade Coelho são completamente originaes, e não simples collecções de trechos avulsos de auctores differentes, e desenvolvem todos um verdadeiro plano, formando na variedade de enotme dos seus assumptos, dispostos com rigoroso methodo, uma unidade perfeita de doutrina e a mais vasta e intensa *lição de coisas*, essencialmente portuguezas, que tem enriquecido entre nós livros congeneres.

Uma infinidade de soberbas gravuras feitas expressamente em Paris, muitas das quaes reproduzem as nossas construcções, e mobiliario caseiro das nossas provincias, as nossas alfaias agricolas, os instrumentos das nossas artes e dos nossos officios, os nossos animaes e os nossos vegetaes, e até

os nossos costumes populares de varias regiões e scenas da vida agricola, rural e maritima do paiz e das ilhas dos Açores e da Madeira. faz d'esses tres volumes de Trindade Coelho, no seu total de 650 paginas, uma obra ao mesmo tempo didactica e patriótica—enlevo das creanças pelo seu pittoresco. é intensa e preciosa lição na singeleza, clara da sua linguagem.

A Avó

Recebemos as cadernetas 41, 42, 43 e 44 d'este interessante romance de Emile de Richebourg, editorado na 2.ª edição pela empresa Belém & C.ª de Lisboa.

É um trabalho românico muito bem urdido e qua prende de mais a mais a attenção do leitor.

ANNUNCIOS

Agradecimento

João Antonio Lopes de Castro Torres, em nome da familia de seu saudoso e querido irmão José Antonio Lopes de Castro Torres, vem por este meio agradecer á ex.ª direcção do Club de Caçadores, d'esta villa, e ao sr. João Baptista Pimentel, de Gême, as missas que por sua alma mandaram rezar no 30.º dia do seu fallecimento, aquella, na capella de Santo Antonio, e este, na igreja parochial de Barbudo, e bem assim a todas as pessoas que assistiram a estes actos religiosos, pelo que se confessa summamente reconhecido. (1891)

Comarca de Villa Verde

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de trinta dias a citar os interessados Bernardino Barbosa, solteiro, maior, Maria Joaquina Lourenço de Lima, e marido Manoel Gonçalves, Simão Lourenço de Lima e mulher Custodia de Faria, todos ausentes em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, e Antonio Gonçalves, casado, ausente em parte incerta da Africa Portuguesa, e todos os interessados incertos que se julgarem com direi-

to á herança dos ausentes Antonio José, e José Antonio, filhos legitimos de Quiteria da Cunha e Bernardino José Barbosa, da freguezia de Parada de Gatim, d'esta mesma comarca,—e editos de seis mezes a citar os ditos ausentes Antonio José e José Antonio, para na segunda audiencia do mesmo juizo, passados trinta dias, para os interessados certos e incertos e seis mezes para os referidos ausentes Antonio José e José Antonio, depois da publicação do segundo annuncio sobre este mesmo objecto no «Diario do Governo», verem accusar a citação e assignarem-se-lhes tres audiencias para contestarem, sob pena de revelia, a acção espeeial de successão concedida pelo artigo 414.º do Código do Processo Civil, requerida por Maria Barbosa e marido Adelino de Souza, da freguezia dita de Parada de Gatim, e Bernardino Lourenço de Lima, maior, da freguezia de São Paio de Merelim, da comarca de Braga, para se habilitarem herdeiros, presumida a morte, dos mesmos ausentes, e deferida a successão e entrega de bens, consistentes nas legitimas paterna e materna expressas nos respectiv inventarios, existentes no cartorio do escrivão que este assigna, com seus rendimentos, salvo a obrigação de dar partilha, aos que a ella concorrerem com equal fundamento, sendo que

as audiencias no juizo da dita comarca de Villa Verde, se fazem em todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias santificados ou feriados, porque sendo-o se fazem nos dias immediato, se não forem tambem legalmente impedidos; e sempre ás dez horas da manhã no tribunal judicial.

Villa Verde, 29 de Agosto de 1905.

Verifiquei a exactidão. O juiz de direito substituto, VIEIRA BARBOSA. 1890

O escrivão, Francisco Assis de Faria.

Cozinha e Copa

O mais desenvolvido e completo manual é o *Tratado Completo de Cozinha*, por Carlos Rento da Maia, conceituado auctor dos «Elementos d'Arte Culinaria», obra esgotada.

O *Tratado Completo de Cozinha* em publicação é illustrado profusamente, e o preço da assignatura é de 40 réis semanaes por caderneta, ou 200 réis mensaes por tomo de 5 cadernetas.

Peçam prospectos e cadernetas specimens á livraria **Guimarães & C.ª** — Rua de S. Roque, 108 LISBOA.

Aprendiz de Typographo

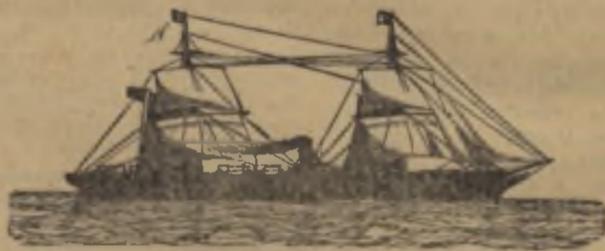
Admitte-se um, que saiba lêr correctamente, na typographia d'este periodico.



FLORES

Fazem-se com toda a perfeição, assim como: ramos, bouquets, corôas e grinaldas, por preços sem competencia. — **Carlota Santos** —

VILLA VERDE.



Agencia Commercial e Maritima

LEGALMENTE HABILITADA

JOAQUIM L. G. MOREIRA & C.ª

B R A G A — 23, 24 - Campo de D. Luiz 1, - 25, 26
181, Rua do Bomjardim, 185 — PORTO

Venda de passagens em todas as classes, para os portos do Brazil e Africa Portuguesa, por todas as companhias de navegação.

Sollicitam passaportes e todos os documentos necessarios para os obter. Obtem-se licenças aos reservistas da 1.ª e 2.ª reserva a fim de poderem embarcar.

Despacho de vinhos e outras mercadorias para o Brazil e Africa.

Deposito geral da Adega Central do Vinho e Doiro.

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Aos vinhateiros portuguezes

Todos os vinhateiros, mesmo os mais experientes na fabricação dos vinhos, devem adquirir o

TRATADO PRATICO DE VINIFICAÇÃO

que acaba de ser posto á venda nas principaes livrarias do reino porque esse livro, escripto pelo eminente agronomo

M. RODRIGUES DE MORAES

tratar com a maior precisão e clareza de todas as operações vinarias desde a vindima, ate occorriero e melhoramento dos diversos vinhos e aproveitamento dos residuos da vinificação, e ensina a prevenir o pratur os defeitos e doenças dos vinhos. É uma obra eminentemente pratica, profusamente illustrada com gravuras elucidativas, constituindo

guia mais completo de fabricantes de vinhos, que até hoje se tem publicado em portuguez

abrangendo todas as materias respeitantes a esta industria agricola dando conta dos mais recentes estudos.

É um volume de 300 paginas, com extenso texto, 73 gravuras e retrato do insigne professor FERREIRA LAPA.

PREÇO EM BROCHURA 700 REIS

Pedidos á Livraria Moderna, praça de D. Pedro, 42 44 — Porto

HISTORIA GERAL DOS JESUITAS

Instituições e costume desde a sua fundação até nossos dias, coordenada dos melhores auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, segundo o plano de M. A. ARNOULD

Por **T. LINO D ASSUMPÇÃO**

Publicação a fasciculos semanaes de 2 folhas de 8 paginas cada, in-4.º grande formato, contendo cada fasciculo 4 magnificas gravuras; ou a tomos mensaes de 10 folhas de 8 paginas cada, contendo 20 gravuras.

60 reis cada fasciculo — **Teas** mensal reis 30

ANNO CHRISTO

A obra consta de cinco volumes distribuída em fascículos de 40 páginas de texto em quarto e duas columnas e seis estampas impressas separadamente.

Preço de cada fascículo 100 réis

pagos no acto da entrega; para as provincias franco de porta. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fascículos, enviando-se pelo correio os competentes recibos.

As pessoas que desejarem receber mais que um fascículo semanal, volume ou obra completa poderão assim requisitar ao editor que promptamente fará as remessas que lhe forem feitas. O preço da assignatura vigora apenas pelo tempo que dura a distribuição da obra, sendo elevado logo que finalise e ultima distribuição.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, e no escriptorio do editor ANTONIO DOURADO, rua dos Martyres da Liberdade 116—Porto.

Deposito em Lisboa—Agencia Universal de Publicações, rua dos Retozeiros, 75-1.º

A distribuição semanal principia em janeiro, garantindo-se a maxima regularidade na entrega por isso que a obra se acha toda impressa.

O SELVAGEM

Por ÉMILE RICHEBOURG

Tal é o titulo do romance que a empresa Belem & C.ª vai publicar em breve, e cujas situações altamente dramaticas estão destinadas a um grande successo. Succedeu o mesmo em França, onde successivas edições de

O SELVAGEM

as suas altas qualidades de romancista, sabendo empolgar o sensibilar o leitor com o seu poder descriptivo.

A empresa, sempre escrupulosa na escolha dos livros que, offerece aos seus assignantes cre que lhes prestará um serviço o recendo-lhes a emocionante obra

O SELVAGEM

se esgotaram como por encanto. Richebourg, um dos mais populares e queridos escriptores, accentuou em

O SELVAGEM

Edição illustrada com cromos gravuras.

A MODA ILLUSTRADA

Jornal e modas para senhoras e crianças

1.ª edição com figurinos coloridos

Trimestre 1100 | Anno. 400
Semestre 2100 | Avulso 200

2.ª edição com figurinos coloridos

Trimestre 850 | Anno 3000
Semestre 1600 | Avulso 160

Assigna-se e vende-se na antiga casa Bertrand José Bastos, rua Garrett, (Chiado) 73 75—Lisboa.

A NOV COLLECÇÃO POPULAR

Adolphe d'Ennery

A FILHA DO CONDEMNADO

Grande romance de aventuras e de lagrimas
Illustrado com 200 gravuras de Mey

4 folhas com 3 grav. por semana | 15 fo com éav
60 réis | **300 rs**

BRINDES A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma tragico e emocionante dos romances até hoje publica dos por esta empresa! Entrecht digno do auctor famoso de **As Duas Orphãos**, da **Conspirador**, da **Linda de Chammounise** e da **Martyr**. Aventuras e peripecias extraordinarias. Grande drama de amor e de crime, de abnegação e de heroismo! Luctas terriveis com a natureza e com os homens atravez de paizes longiquos e mysteriosos! Uma figura admiravel de mulher conduz a acção! accendendo enthusiasmos pela sua coragem, arrancando lagrimas pelos seus infortúnios! Desfecho surpreendente!

Duzentos mil prospectos illustrados distribuidos. Estas impressas as primeiras folhas da obra. Recebem-se desde a assignaturas na livraria editora ANTIGA CASA BERTRAND—José Bastos, rua Garrett, 73 e 75—Lisboa.

Livro commercial

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa. Perito ante os tribunales Commercial e Civil. Publicista.

É sobejamente conhecido em todo o commercio do paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e a industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 60 fascículos de 16 paginas a 60 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», largo do Conde Barão, 50, LISBOA 9 no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, rua dos Clerigos, 66 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fascículo specimen a quem o requisitar.

EL-REI D. MIGUEL

Grandioso romance historico por Faustino da Fonseca

Bella edição em formato elegante, illustrada com muitos retratos, vistas, quadros celebres, etc. etc.

Alguns titulos dos episodios d'este romance

Revolta absolutista de 1823 conhecida por Villa Franca d' entrada do rei em Lisboa, puchado por fidalgos e officiaes do exercito; intrigas da rainha e seu viver dissotuto; abolição da constituição e perseguição aos constitucionaes; tentativa de desenterrar e queimar o cadaver de Fernandes Thomaz; exilio de Almeida Garrett; assassinio do Marquez de Loulé; D. João VI preso por D. Miguel; perseguições e prisões effectadas pessoalmente por D. Miguel; facanhas dos seus intimos; exilio do infante por ordem da sua mãe; suas desordens em Paris; conflieto por causa de uma capellista; morte do seu cão de fila, morte de D. João VI, suspeita de envenenamento; D. Miguel jura a carta, desposa-se com D. Maria II e volta a Portugal onde confirma o seu juramento; manifestações absolutistas conhecidas por o Rei enegon; violencias dos caçeteiros contra os liberaes; execução dos lentes de Coimbra em Condeixa, pelos estudantes filiados n'uma associação secreta; revolução constitucional do Porto em 18 de maio de 1828, contra o restabelecimento do absolutismo, combates entre absolutistas e liberaes, o Terror, alçadas, devassas e forçãs; exilio de Alexandre Herculano; conquista da Ilha da Madeira, junta liberal na Ilha Terceira; revoltas liberaes em Lisboa suffocadas; conquista das ilhas de S. Miguel, S. Jorge, Graciosa, Pico, Flores e Corvo pelos liberaes rennidos na Ilha Terceira; desembarque dos libertadores no Mindello e entrada no Porto; Cerco do Porto, pelas tropas miguelistas; expedição dos liberaes ao Algarve e entrada em Lisboa em 24 de julho de 1833; morticínio dos presos liberaes em Extremoz; generalisação da guerra civil; derrota final dos absolutistas na batalha da Asseiceira; convenção de Évora Monte; abolição das ordens religiosas; sahida da D. Miguel para o exilio.

Um fascículo semanal de 16 pag. 40 rs.
Tomo de 80 pag. 200 rs.

Recebem-se assignaturas na Livraria editora GUIMARÃES & C.ª

108, Rua S. de Roque—LISBOA—o nos seus agentes da provincia.

HISTORIA GERAL DOS JESUITAS

Instituições e costama, desde a sua fundação até nossos dias, coordenada dos melhores auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, segundo o plano de M. A. ARNOULD

Por T. LINO D ASSUMPÇÃO

Publicação a fascículos semanaes de 2 folhas de 8 paginas cada, em 4.ª grande formata, contendo cada fascículo 4 magnificas gravuras; ou a todos mensaes de 10 folhas de 8 paginas cada, contendo 20 gravuras.

60 reis cada fascículo | Terc. mensal reis 30

ABC DO POVO
Para aprender a ler
Por TRINDADE COELHO

Cum desenhos de RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
80 paginas luxuosamente illustradas

Avulso 50 réis, pelo correlo 60 réis

Descontos para revenda: até 500 exemplares, 20 % de desconto; de 500 até 1000 exemplares, 25 %; de 1000 e 2000 exemplares, 30 %.

A venda em todas as livrarias do paiz, ilhas e ultramar e na casa editora

LIVRARIA AILLAUD

RUA DO OURO, 242, 1.ª—LISBOA

Acceitam-se correspondentes em toda a parte.

GRANDE EDIÇÃO ILLUSTRADA

Guerreiro e Monge

por

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira, e reprodução chimica, cuidadosamente revista e ampliada pelo auctor

60 rs. Uma caderneta por semana—Um tomo por mez, illust. 300 rs

É esta a 3.ª edição do famoso romance consagrado ao descobrimento do caminho maritimo da India e ás primeiras conquistas dos portuguezes no Oriente. A 1.ª e a 2.ª completamente se esgotaram em menos de um anno, chegando alguns dos ultimos exemplares a ser vendidos, em livrarias de Lisboa e porto, por 3000 réis, ou seja o triplo do seu primitivo preço. Pedido á Bibliotheca illustrada do «Seculo», rua Formosa, 43 Lisboa.

Aos vinhateiros portuguezes

Todos os vinhateiros, mesmo os mais experientes na fabricação dos vinhos, devem adquirir o

TRATADO PRÁTICO DE VINIFICAÇÃO

que acaba de ser posto á venda nas principaes livrarias do reino porque esse livro, escripto pelo eminente agronomo

M. RODRIGUES DE MORAES

tratar com a maior precisão e clareza de todas as operações vitícolas desde a vindima, ate oococerto e melhoramento dos diversos vinhos e aproveitamento dos residuos da vinificação, e ensina a prevenir o tratar os defeitos e doenças dos vinhos. É uma obra eminentemente pratica, profundamente illustrada com gravuras elucidativas, constituido

guia mais completo de fabricantes de vinhos, que até hoje se tem publicado em portuguez

abrangendo todas as materias respeitantes a esta industria agricola dando conta dos mais recentes estudos.

É um volume de 300 paginas, com extenso texto, 73 gravuras e retrato do insigne professor FERREIRA LAPA.

PREÇO EM BROCHURA 700 REIS

Pedidos á Livraria Moderna, praça de D. Pedro, 42 44—Porto